KLAXON

mensario de arte moderna

SÃO PAULO

OUTUBRO 15 1922

klaxon

MENSARIO DE ARTE MODERNA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
S. PAULO — Rua Direita, 33 - Sala 5

ASSIGNATURAS – Anno 12$000
Numero avulso — 1$000

REPRESENTAÇÃO:

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda
(Rua S. Salvador, 72 A.)

FRANÇA — L. Charles Baudouin (Paris).

SUISSA — Albert Ciana (Genebra Rampe de la Treille, 3).

BELGICA — Roger Avermaete (Antuerpia — Avenue d'Amèrique, n. 160)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus collaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permittido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscriptos.

SUMMARIO

A Estrella de Absyntho

(FRAGMENTO)

O cadaver nú, de cabellos atados numa toalha, foi levado cautelosamente até a parede do imaginario atelier.

Elle apanhára-lhe o dorso, despencado em ligeira curva. O velho felino, barbudo e de bocca furada que conduzia de costas o cortejo, tomando-a pelas axillas, era Rodin. E o grande diabo ossudo, Mestrovic, recem-chegado da Servia, o que levava as pernas geladas para sempre.

Depuzeram-na no estrado de páu, inerte e dura, murcho o ventre acima do triangulo negro e symbolico. Depois, começaram a crucifixão.

Para lá, na vastidão respeitosa da sala, havia grandes estatuas, atadas aos punhos para traz, com retorcimentos fixos, todas recobertas como imagens em Semana Santa.

E havia amphoras e flores.

Iam crucifica-la na parede núa e branca. Rodin, levantando-a pelos inuteis seios, dava ordens impassiveis. Mestrovic batia já o seu longo prego. E apenas o braço que lhe haviam entregue a elle, endurecera e resistia, empurrando-o para longe.

Rodin esperava. Mestrovic tinha a cabeça de furia em ataque do Sergio monumental de Kossovo.

Era preciso dominar a consciente resistencia do braço. Aos repelões o membro em angulo cedeu, acceitou a linha recta da

cruz, num crac-crac de ossos internos.

Elle tomou o martello e o prego longo, bateu a primeira pancada inutil na palma cartilaginosa. E Rodin dizia que era preciso haver martyres para haver arte.

Mestrovic atravessára victoriosamente a mão que segurava. Rodin baixára-se a perfurar os dois pés na mesma agulha de ferro.

Elle então bateu. E houve um tinir repetido de aços, apagado pela repulsa de borracha dos membros ankilosados e murchos.

Salpicaram gottas glaciaes como remorsos nos braços nús dos crucificadores.

E a cabeça de frango virou, o corpo suspenso desceu num peso bruto, alargando as chagas nos pregos e pondo em relevo estrias de musculos, de nervos, de costellas.

Então abriu-se a porta e um esplendido ephebo nú, coroado de myrrha, appareceu e gritou como um arauto de consciencias heroicas:

— Sangue frio.

Ella permanecia, toda estylisada na parede que ficára como uma cruz de mil braços.

E Jorge de Alvellos viu que era o cadaver de Alma que tinha crucificado para estudar anatomia... Ella despregou as grandes postas rachadas, viva, soluçante, para elle!

O esculptor abriu os olhos na escuridão de seu quarto. E percebeu a madrugada neutra, num silencio de vidas estranhas.

Onde estava? Escorregára-lhe dos braços afflictos. Onde estava? Levantou-se de um salto. Ella fugira...

Atirou-se para a porta: permanecia fechada na noite. Voltou, bateu os angulos desertos, foi ao leito. Pareceu-lhe vel-a ainda. Levantou os lençóes, o colchão: não estava.

Estava longe. Onde? Na enfermaria? Não. Mais longe. No necroterio? Não. Mais longe. Na cóva.

Jorge d'Avellos sentou-se. Viu descer, descer, no escuro, num desequilibrio, sobre os hombros que tinha aconchegados, um mundo apagado de formas.

E ficou alli, numa concentração musculosa de cariatide.

Oswald de Andrade.

3

Poema

m eu gôso profundo ante a manhã Sol
a vida carnaval!
Amigos
Amores
Risadas
E as crianças emigrantes me rodeiam, pedindo
retratinhos de artistas de cinema, dêsses que
vêm nos maços de cigarros...
Sinto-me a "Assunção" de Murilo!
Libertei-me da dor...

Mas todo vibro da alegria de viver!

Eis porquê minha alma inda é impura.

MARIO DE ANDRADE.

Crepusculo

p antheon de cimento armado
A luz tomba
Refluxo de cores
Mel e ambar
Ha lyras de Orpheu em todos os automoveis
Rezes das nuvens em tropel
Céu matadouros da Continental
Todas as mulheres são translucidas
Ando
Musculos elasticos
Andar com a força de todos os automoveis
Com a força de todas as usinas
Com a força de todas as associações commerciaes e in-
dustriaes
Com a força de todos os bancos
Com a força de todas as empresas agricolas e as explora-
ções de linhas ferreas

Os capitaes amontoados em pilhas electricas
Forças presidenciaes e forças diplomaticas
A força do horizonte vulcanico
As forças violentas as forças tumultuosas de Verhaeren
Sou um trem
Um navio
Um aeroplano
Sou a força centrifuga e centripeda
Todas as forças da terra
Todas as distenções e todas as liberdades
Sinto a vida cantar em mim uma alvorada de metal
O meu corpo é um clarim
Muita luz
Muito ouro
Muito rubro
Meu sangue
Eu sou a tinta que colore a tarde!

LUIS ARANHA.

Cinema de Arrabalde

Ao sr. presidente da Academia de Letras

este modesto cinema de arrabalde vêm familias burguezas, todas as noites, com os chefes pezados á frente do bando. Trazem meninos de collo que choramingam.
E ficam attentas, derramadas nas cadeiras, vendo as tramas da tela, perseguições e turbulencias,
vivendo angustiosamente a illusão daquellas vidas.

* * *

A este modesto cinema de arrabalde
vêm as familias burguezes da visinhança, todas as noites,
para ver costumes, para ver terras, para ver povos,
para ver esse mundo distante, vago, telegraphico,
que fica além dos navios de passagens carissimas

* * *

A este modesto cinema de anabalde, todas as noites,
vem o sr. sub-director da 3.a Repartição de Aguas, com a senhora e os cinco filhos,
e outras familias vagarosas da visinhança

* * *

A sala sempre cheia é estreita e comprida
Na frente fica uma criançada barulhenta que applaude.
Atraz, perdidos pela penumbra dos cantos,
disfaçam-se pares de namorados cochichantes.

* * *

E pelas largas portas lateraes vê-se a rua
onde passam a cada momento os bondes illuminados,
levando familias enormes em que ha mocinhas vestidas com um orgulhoso mau gosto,
familias que só frequentam os cinematagraphos do centro da cidade
e se presumem a aristocracia do arrabalde.

RIBEIRO COUTO
"Um Homem na Multidão"

5

So di un treno

A EUGENIO TREVES.

Io so di un treno,
corre su rotaie infinite in mezzo ad
un buio infinito.
Dietro ha una lampada grande che
illumina il mondo.
Fuochisti: due titani. Braccia ferrigne, torso
rosso; sudati. Instancabili!
Nel treno pochi passegieri.
Ansiosi. Spiano le tenebre. La meta?
No. Illusione. Ritorno a sedere. Ansiosi.
Un vecchio:
— Io muoio. Guardate lá nella mia valigia.
Ci son perle tolte dagli abissi del mare.
Prendete.
Un giovane frontealta:
— No.
— Prendete. Hanno luccicori straordinari.
Hanno aggiunto un raggio alla lampada
del mondo.
Un gruppo di giovani.
— Sono arruginite. Le nostre splendono.
Sono soli.
— Ho buttato tanto carbone nella macchina--
— Piu' di te, meglio di te.
— Prendete.
— No.
La vita gli sfugge. Saggrappa ad un
cordone dello sportello. Si rompe.
Il vecchio cade.
— Alleggerire il treno. Piu' leggiero,
andrá piu' forte.
Un colpo solo. Uomo e valigia.
Io so di un treno che corre.

Claudius Caligaris.

SALVAR

Mais um desejo, amigo!
E' preciso soltar,
pelas florestas frias e adormecidas,
todos os nossos desejos timidos,
procurando mesmo assombral-os,
para que fujam, para que corram
e se desviem por todos os lados...

Mais um desejo!
E' preciso que a pallida vida,
nos seus longos passeios desoladores,
encontre sempre um desejo perdido
que ella saiba salvar...

CARLOS ALBERTO DE ARAUJO.

PAYSAGE

Une terre peu vêtue,
qui ondule lentement,
tourne un visage embrasé
vers le soleil pâle.

La campagne au bord du ciel
se rétracte sans un geste
et ne touche plus au ciel
qu'avec des doigts sans désir.

La route osseuse se plie.
Un arbre au bord du chemin
palpe le ciel gris e froid
avec une feuille unique.

D'autres arbres au lointain,
des deux côtés de la terre,
encadrent, fixes et noirs,
deux belles joues, couleur de feuilles.

Comme on voit, passant sur la route,
derrière les vitres mates,
entre des mains en oeillères,
un visage qui regarde,

un beau visage animé
deux yeux ouverts d'où ruisselle,
sans un regard pour le ciel,
toute la chaleur du coeur.

JOSEPH BILLIET.

REVERIE

Ne plus sentir penser ses yeux caméléons...
Mais tant de pitié me fait mal

Caméléons
Aventurines
Couleur de mer

et traîtres
Mais si doux

"J'AIME SES YEUX COULEUR D'AVENTURINE"

Quel beau sonnet je pourrais faire
si je n'étais un "futuriste"
Quatre par quatre les rimes
et deux tercets
et un salut "Trois Mousquetaires"
Au cinéma les d'Artagnan sont ridicules

et j'aime mieux Hayakawa
Ah! le siècle automobile
aéroplane
75
Rapidité surtout RAPIDITE'

Mais moi je suis si ROMANTIQUE
Ses yeux
ses yeux
ses yeux caméléons...

C'est bien le meilleur adjectif

Serge MILLIET

Ars Longa...

a arte é anterior á vida.

Isto e uma convicção minha, perfeitamente serena. Eu não tenho escripto os meus versos á margem da minha vida: eu tenho escripto a minha vida á margem dos meus versos. Minha existencia é um plagio da minha árte.

A vida de todos os artistas tem sido um commentario á sua arte. Um commentario explicativo. E isso pela razão muito simples de que um grande, verdadeiro artista colloca a sua arte acima da sua vida. Elle não vive um caso para exploral-o depois: elle faz arte primeiro, arte que elle inconscientemente vae viver mais tarde. Si para um homem qualquer o simples contacto com uma obra de arte é uma tentação irrisistivel de imital-a na vida, o que não será para o seu proprio autor?

* * *

Assim, a arte é uma prophecia. Um lindo vaticinio.

Realiza-se ou não? — Só os artistas o sabem, mas bem intimamente.

* * *

Quando se affirma uma cousa sualquer é preciso concluir qualquer cousa. Do que affirmei concluo isto: estou absolutamente revoltado contra esse preconceito geral de que só a obra de um artista pertence ao publico; a sua vida, não.

Mentira. A sua vida pertence tambem ao povo. O povo tem o direito de devassal-a á vontade.

Que nenhum artista grite contra isto! Eu pensaria que elle se envergonha da sua vida, isto é, do resultado da sua arte.

Desde que um homem dá publicidade á sua arte, despe-se em publico de certos direitos. E' o que se entende por "cahir no dominio publico». Prostitue-se. Vende-se. A bôa gente que compra um livro, que compra um quadro, que compra uma estatua, compra tambem um pouco a alma do seu autor. Não é absolutamente negociavel uma alma separada do corpo. A arte é a alma; a vida é o corpo. Um homem que paga uma mulher paga um só instante da sua alma, com direito, evidentemente, a todos os segredos do seu corpo.

E' preciso não se ter vergonha do corpo, si não se teve vergonha da alma. Todos os corpos parecem-se com as almas.

Pudor? — Mas o pudor é a virtude dos imperfeitos.

* * *

Não ha nada de inconfessavel atraz de uma grande arte.

* * *

Um artista é mais ou menos um Doutor Fausto. Vende a um genio máo a sua alma, para ter perfeições moças para o seu corpo.

Questão de conforto: uma obra de arte vendida produz geralmente uma chevióte bem cortada num corpo tractado, um cigarro agradavel num pedaço de ambar fino e um perfume de grande estylo num linho puro.

Isto parece querer insinuar que o publico é uma especie de Mefistófeles. Eis um elogio extraordinario que elle nunca teve.

* * *

Que bem pouca importancia tem para o artista a obra de arte concluida! E' porisso mesmo que elle a vende.

O artista é artista apenas emquanto crêa: tira do nada, è igual a Deus. Para elle, a obra de arte tem um valor ephemero, que vae do momento da concepção ao momento da conclusão. Depois... ella fica sendo uma pobre cousa desgraçada, bem morta e bem imprestavel, na sua vida. Só representa uma utilidade toda sentimental: a de

recordar aquelle instante divino e feliz da procreação.

* * *

Todo artista dá sempre á luz um filho morto. E entrega-o bem simplesmente á terra deste mundo.

Elle precisa chorar sósinho, maternalmente. Elle dispensa as consolações impossiveis das comadres serviçaes da visinhança, que vêm clamar assim:

— «O menino é tão lindo! Elle poderia ser um bailarino russo!»

— «O menino é tão feio! Elle poderia ficar corcunda!»

Não. Elle não é nem poderia ser: elle foi. Eis tudo.

Ah! os criticos!

Guilherme de Almeida

Neste domingo, 1.° de Outubro, 1922.

Xadrez

Os poetas comparam as illusões ás nuvens. Depois dizem de uma alma illudida que é feliz, que traz o céo comsigo... Analogia enganosa. Basta que se considere que aquella alma vive, para acreditarmos logo que é, de algum modo, desgraçada. As illusões não nos impedem de viver; ao contrario, a custa dellas é que vivemos. Ingenuidade suppôr que uma nuvem possa formar o céo. Nem uma, nem duas, nem todas as nuvens...

* * *

O artista quer communicar aos outros a sua commoção. Quer imprimir a sua imagem momentanea ao maior numero possivel de seres, e, assim fazendo, multiplica-se. O artista é o multiplicador de si proprio. E' o instincto de conservação que nelle age de maneira nova, differente. Arte-anthropocentrismo. O artista é a realização maxima, requintada, dessa tendencia commum do espirito humano, em virtude da qual se procura unidade entre o objectivo e o subjectivo; entre o subjectivismo proprio e o alheio A falta de unidade, de identidade redunda em desgosto e soffrimento. O artista soffre, quando não consegue, pela sua magia, modelar os homens á sua semelhança. Como a criança, elle chama os outros para verem a estrella que brilha, o passaro que vôa, o cortejo que passa... A gente se torna differente quando viu, sentiu ou imaginou cousas que outros não viram, não sentiram, não imaginaram... Por isso é que se força o proximo a vêr o que vimos, a sentir o que sentimos, a fim de que o proximo se torne um pouco de nós mesmos... Porque ser differente é soffrer; é não multiplicar-se; é morrer pouco a pouco..

* * *

A alegria de uma criança, o riso de uma mulher fazem tremer nas estantes sabias os sombrios volumes de Schopenhauer...

* * *

A nossa dor è sempre normal. E' a pinta negra que se alterna com a branca, sobre o grande fundo verde do tecido da vida... Ella é da propria essencia do tecido, parte integrante delle; nunca uma nódoa. O tempo, que tudo desbota, transforma, ás vezes, as pintas negras em brancas. Felizmente, essa reducção chromatica não é extensiva senão ás pintas escuras: o fundo verde permanece inviolavel como o proprio misterio da vida..

* * *

Os gregos faziam com as suas verdades o mesmo que com as suas taças de vinho: coroavam-nas de rosas. Assim, ninguem se assustava com ellas. E a especulação philosophica tomava o aspecto de uma orgia silenciosa e embriagadora...

* * *

A musa de certos poetas dá-me a impressão da moça que põe papelotes para ondular

os cabellos, estylisal-os. Mas o que me inquieta é que ella nunca tira os papelotes...

* * *

Si soubessemos normalizar os «valores» que nós inconscientemente exageramos, ou que nos foram impostos já exagerados, a nossa vida mudaria de aspecto, seria mais tranquilla. Poucos têm esse sentido normalizador. Em geral, todos tomam a sombra de um objecto como exacta medida delle.

* * *

A vida é como um taboleiro de xadrez, em que os quadrados brancos se alternam com os pretos: seria verdadeiramente fastidioso, senão impossivel jogar-se em taboleiro de uma côr só...

A. C. Couto de Barros.

Carnaval

Iria primeiramente ao Appollo. Caminhou por instinto, e, dirigindo-se certo, entrou na Rua Onze de Junho. Em frente ao theatro, accumulava-se muita gente. No empurra-empurra, da bilheteria, encontraram-se gorros bicudos de palhaços, côcos de caricatura, chapéos de palha, panamás, plumas brancas de "travesti" de corte antiga. A' entrada, no passador acanhado em que a multidão se esmagava, radiosa e feliz, o verde triste, empoeirado e escuro dos pinheiros allemães, em meias-barricas pintadas, contrastava com o colorido intenso, atrevido e carnavalesco das flores de papel, encarnadas, verdes, amarellas, enlaçadas a fios de arame, cruzando-se, fazendo festões de apparato, para ornamento e pompa das paredes em festa. A fila passava, lenta e ruidosa, emquanto os porteiros agitavam os braços e esganiçavam a voz. E, no meio della, contrafeito e calado, Clemente passou. Quando encontrou um pedaço de vacuo, párou e tomou folego: tinha entrado. A primeira cousa que o feriu foi um rapaz alto, de casaca, com sapatos polidos e meias muito transparentes, o chapéo de pello complicado de reflexos; o peito branco da camisa brilhava tambem. Entalava ao olho esquerdo um monoculo que parecia definitivo e eterno naquelle olho. Sobre o beiço superior, em leve proeminencia, um filete de bigóde a tinta preta, um fio apenas, quasi imperceptivel na espessura, e longo como um bigóde de chim; nas maçãs do rosto liso, um pouco de "rouge" — e nada mais. Ria, fazia pilheiras, dizia graçolas a todo mundo, executava piruetas e curvaturas; simiesco e irrequieto, distribuia galanteios ás damas e ensaiava, maneiroso, passos de valsa e "poses" de tango. Parecia feliz, parecia á vontade, como que sentindo melhor affirmada, sob o pseudo disfarce, a

propria personalidade. Clemente espantou-se: um homem que não tinha medo de ser conhecido! De certo a mulher não lhe era infiel; elle, de certo, não sahira para matar. E, interessado, attonito, achando-o engraçado e absurdo, poz-se a olhal-o com uma curiosidade ingenua de menino. O rapaz deu uma gargalhada, mostrou-lhe a ponta da lingua e gritou-lhe, esfusiante:

— Nunca viu, bôbo alegre! ?

Clemente, mudo, fez, sem saber porque, dous passos para deante. "Bôbo alegre..." Na sua cabeça atordoada passou toda a synonimia da palavra: bôbo, tolo, ingenuo, simplorio, patéta, idiota... E que era elle de facto sinão, isso, elle, ludibriado assim sob o seu proprio tecto? E quem o visse phantasiado havia de julgal-o alegre. E uma porção de raciocinios, confusos, atrapalhados, paradoxaes, obsedantes sobre esse pobre thema borboteando no seu cerebro cançado: iam e vinham, surgiam e apagavamse, renasciam e tornavam a morrer, emquanto elle, vagaroso, deslocava para a frente a exhaurida carcassa. E, quando entrou no salão movimentado do theatro, sob punhados de confetti e por entre o cipoal das serpentinas, sentia, pensava e agia experimentando, bem funda, bem amarga, bem cortante, toda a infinita tristeza de ser bôbo.

A banda grande executava. Os metaes, de boccas escancaradas, faziam, tocados da febre ambiente, uma luxuria sonóra, larga, halucinada, que se intensificava, tornava-se estuante e condensada, na represa abafadiça das paredes e do tecto. E parecia que era o maxixe que sacudia as fitas pendentes e equilibrava no espaço a papelada minuscula, recortada e esvoaçante; que agitava os tricornios, fazia mover os dominós, desegonçava os Arlequins, dava relevo ás marquezas empoadas, punha tremuras nos tufos de renda, intensidade nos perfumes e vertigem nas cabeças. Nos corredores, nos camarotes, o povo hurrava frenetico; homens e mulheres, esfregando-se, no simulacro de uma lucta de morte, fazendo-se engulir mutuamente mãos cheias de confetti, cosinhando os olhos com esguichos de ether causticante, enrolando os pescoços em rodilhas de papel, viviam por um anno inteiro. Na platéa, o movimento canalha, sacudido, nevrotico, unia corpos a corpos, mixturava as animalidades, fundia as vontades com as chammas do sangue, egualava os desejos em grupos de carne; e a totalidade das cores, — das cores conhecidas, das cores combinadas, das cores sonhadas, — vestia com uma tunica só essa massa requebrada e una em que todos queriam intermesclar-se, confundir alma e musculos, co-

ração e banhas, espirito e pellos, para formar um mesmo corrupio de delirio, uma mesma palpitação de dynamismo animal, um unico e immenso novello de loucura.

A musica parou e uma tempestade de palmas ensurdeceu a sala; depois, o vozerio cresceu e reboou como o barulho de uma cachoeira.

Clemente, quebrado de tristeza, moido, ignorado e ridiculo, bôbo triste e só, não parava de perscrutar a assistencia, os pares, os que entravam, os que sahiam.

Tres pancadas fortes cortaram o theatro – e a banda bisou o maxixe.

Qual! Não estavam alli. As aberturas pequeninas da mascara operavam prodigios: eram como vidros de augmento, oculos de alcance – faziam crescer tudo e penneiravam a mascarada, á procura dos Pierrots. Não estavam alli. Elle tinha andado, diluira-se na multidão dos corredores, roçára nos que dançavam... Não estavam alli. E um odio vencido contra aquella gente toda o impelliu para a rua e, emquanto cortava o soalho coalhado de gente, deslumbrado pelo kaleidoscopio colossal da dança, em que lhe iam perdidos e arrastados, como num supplicio, olhos e ouvidos, sentindo cahirem os confetti na saraivada da cor, parecia-lhe que tudo gritava: os trombones e os clarinetes, os pannos revoltos e os braços levantados.

Um frescor o reanimou. Olhou para cima: o céo era uma pelluscia negra de joalheiro coberta de pedras.

Pedro Rodrigues de Almeida.

Do livro "Carnaval", a apparecer brevemente.

Chronicas:

MUSICA

F. MIGNONE

Deve gosar férias em São Paulo o compositor Francisco Mignone que actualmente aperfeiçôa seus estudos na Europa. Trouxe consigo uma opera: "O Contractador de Diamantes". Tive ensejo de ouvir alguns trechos dela na "Sociedade de Concertos Sinfonicos" e em audição particular ;e me é grato afirmar, como amigo e como artista, a boa impressão que senti.

Certamente seria o cúmulo da má vontade exigir dnm músico que apenas inicia sua carreira dotes de originalidade já francamente determinada, bem como especialização de modernismo em quem ainda é estudante e caminha sob as vistas dum professor. Existe porém nos trechos que ouvi aquela chama benéfica, reveladora dos bons artistas de amanhã. Mignone desde suas primeiras obras, ainda compostas aqui, revelara uma acentuada predileção pela sinfonia. E essa predileção se acentua agora, tornando-se

sim que o que mais me prendeu nos trechos ouvidos foi a parte puramente sinfónica. Nos dialogos de amor, nos monólogos de Felisberto Caldeira, embora imperfeitamente ouvidos pela transposição ao piano, sem partitura que me guiasse, desconfio que o joven músico se deixou um pouco levar pela expontaneidade, pela facilidade melódica que possúi e que em todos os tempos foi a glória e a infelicidade da escola italiana. Gloria em Monteverdi, Scarlatti, Rossini, Verdi e tantos outros. Mas infelicidade porque foi uma das razões da decadência da escola napolitana, decadência essa que perdura, entre mil mudanças, apesar das investidas de Verdi, dos sinfonistas do fim do seculo passado, e dos modernos, com Pizzetti e Malipiero á frente. Julguei descobrir, mal encoberto, na obra vocal de Mignone o lirismo facil e bastante vulgar dalguns compositores veristas. Satisfez-me porém e entusiasmou-me o quadro sinfónico das dansas do 2.o acto. Essas dansas tão caracteristicamente brasileiras, pelo ritmo enervante, pela melodia melosa e sensual são uma tela forte, viva ao mesmo tempo que equilibrada. E' extraordinário como Mignone está firme ao traçar essa página trépida, envolvente, entusiástica e brutal. Desaparece inteiramente a eloquéncia enfática dos trechos dramáticos: é eloquencia vida, é sumo de fruta nacional e sensualidade de negros escravos. E' admirável. Quem ainda tão moço e estudante ainda pinta sinfonicamente um ambiente com a firmeza com que F. Mignone pintou essa parte do seu "Contractador" será sem dúvida, quando encontrar inteiramente sua personalidade, coisa que só se completa com os anos, um músico possante e feliz. Digo feliz, porquê sinto uma tristeza universal pelos milhares de compositores musicais que escrevem sons sem nunca poderem traduzir num acorde ou numa melodia uma parcela minima de beleza e ideal. Mignone será feliz.

Mario de Andrade

LIVROS & REVISTAS

"Os Condemnados". — Oswald de Andrade, edição Monteiro Lobato.

Acontece com "Os Condemnados" o inverso do que acontece com as pinturas impressionistas. Nestas é necessario a distancia, para ver claro e bem, para se poder comprehender a sua geometria e o seu colorido, que directamente estão relacionados com o espaço entre espectador e objecto contemplado. Ao contrario, no livro de Oswaldo de Andrade prescinde-se perfeitamente do espaço; é preciso olhar de perto, muito de perto. O principal no romance, não tem importancia; o enredo. O que importa, então? Os detalhes. Ahi é que Oswaldo se revela prodigioso. Seu gesto de milagre faz surgir, como nos contos de fadas, — castellos, luzes, apotheoses, através dos quaes passam os seus personagens de caoutchouc, impermeaveis á alegria de viver, inchados de miseria e de fatalidade. Com espantosa economia de traços, Olwald arma um ambiente, articula seres, derrama vida vermelha sobre a realidade chlorotica, de gelatina...

O livro inaugura em nosso meio technica absolutamente nova, imprevista, cinematographica. Ao leitor é deixado adivinhar o que o romancista não diz, ou não devia dizer.

O romance conta a tragedia de seres activos, que querem agir, precisam agir, mas que estão presos, não por correntes, mas por elasticos, — força centrifuga que os faz desequilibrados, dando-nos a sensação physica de um esforço sempre contrariado. E os elasticos, ás vezes, pela propriedade que os caracteriza, os empurram além do limite que aquelles seres desejariam attingir. Dahi o suicidio do telegraphista. Dahi, a morbida paixão de Alma.

Oswald tambem sabe vibrar a nota humoristica. Ella caça o ridiculo das situações, no momento em que a rêde das attitudes vae se desfazer. Assim, mais propriamente, pode-se dizer que Oswald não caça o comico da vida: o comico da vida é que se entrega a Oswald, no momento em que pode escapar, sem que ninguem perceba...

O animatographo d'"Os Condemnados" não apresenta a tragedia de seres reflexivos, preoccupados com problemas metaphysicos mais ou menos insoluveis. Os sonhos, as ancias dos condemnados são humildes, instintivos. A alma desses seres é uma planicie irremediavelmente verde, onde os maiores accidentes são montinhos de cupins cinzentos, em que, de vez em quando, pousam corpos mornos e enigmaticos de corujas. E Oswald, com elles, conseguiu uma pequena obra de arte. Obra de arte?! Sim, apezar dos defeitos. Felizmente, o livro tem defeitos. Nunca soube de artista que fosse prudente, que não errasse. O que ha de divino nos artistas é justamente esse "élan" estouvado, esse eterno caminhar, que os impedem de parar e reflectir si o caminho que seguem é certo, bom, firme e valioso, como uma escriptura publica...

Entretanto, ha temperamentos, para os quaes o que importa é o defeito, a cinca, a contradicção. Esses homens são como os "touristes" que, ao se approximarem de Niagára ou de Paulo Affonso, se preoccupam demasiado com as gottas d'agua, que, fugindo á vertigem da caudal que se despenha, lhes salpicam as faces, os ternos bambos de xadrez, e perturbam

com insolencia a visão tranquilla daquelles phenomenos lamentaveis. Elles têm a opinião valiosissima de que a torrente perdeu um pouco do seu volume, com a falta daquellas gôttas... Esses homens conta-gôttas são os criticos. Para elles não ha remedio. Não ha cura. Para elles o que serve, o que vae a calhar, o que é absolutamente indispensavel, é, não ha duvida, um bom guarda-chuva...

A. COUTO DE BARROS.

S. Paulo, 20 — 9 1922.

"Suave Convivio" — Andrade Muricy. — Edição Annuario do Brasil. — Rio. — 1922.

Andrade Muricy reune criticas exparsas no "Suave Convivio". Nesta visão de conjuncto pode-se com mais nitidez observar sua personalidade de critico. Com efficacia, no conjuncto mais ou menos disparatado de figuras e idéas que observou, appareceu no "Suave Convivio" a erudição firme e larga do autor. Muita serenidade. Muito amor. Demasiado mesmo, quando se trata de observar escriptores paranaenses. Apezar disso o estudo sobre Emiliano Pernetta é a melhor cousa do livro. A lingua de que faz uso Andrade Muricy é familiar, sincera, agradavel. Um bom livro.

M. de A.

Recebemos:

"La Nouvelle Revue Française", numero de agosto, com collaboração de William Blake, Paul Fierens, Charles du Bos. Gil Robin, Jacques de Lacretelle. Como sempre, magnificas reflexões sobre a litteratura, por Thibaudet. Chronicas, etc.

"La vie des lettres", revista moderna franceza, publicada sob a direcção de Nicolas Bauduin. Optimos trabalhos do Director de Max-Jacob, Fernand Divoire e Mlle. Claire Goll.

"La Criée", numero de agosto da interessante revista marselheza. A destacar, como sempre, as collaborações de Marcel Milliet, Léon Franc, etc.

CINEMA

hA certos problemas, referentes ao cinema, que aparentemente pouco nos interessam, pois não ha por aqui artistas e fábricas que se dediquem especializadamente a produzir fitas de ficção. Essa desimportáncia porém é apenas aparente; tais problemas, quando não tenham artistas para preocupar, têm sempre público para educar e orientar.

O cinema realiza a vida no que esta apresenta de movimento e simultaneidade visual. Diferença-se pois muito do teatro em cuja base está a observação subjectiva e a palavra. O cinema é mudo; e quanto mais prescindir da palavra escrita mais se confinará ao seu papel e aos seus meios de construção artistica. Segue-se d'ahi que tanto mais cinemática será a obra de arte cinematografica quanto mais se livrar da palavra que é grafia imóvel. As scenas, por si, devem possuir a clareza demonstrativa da acção: e esta, por si, revelar todas as minúcias dos caracteres e o dinamismo trágico do facto sem que o artista criador se sirva de palavras que esclareçam o espectador. A fita que além da indicação inicial das personagens, não tivesse mais dizer elucidativo nenhum, seria eminentemente artística e, ao menos nesse sentido, uma obra-prima. E' evidente tambem que um sem número de qualidades, derivantes dessa qualidade primeira nobilitariam a obra que imagino. Conseguir-se-hia mesmo a simplicidade dentro da simultaneidade — o que daria a obra de arte cinematográfica um valor expressivo excepcional. O que falta em geral ás fitas americanas é a simplicidade de acção, vital e sugestiva, que nos eleva á grandeza serena e azul do classicismo. (Exceptuo naturalmente as fitas cómicas, especialmente as de Chaplin e de Clyde Cook. As de Lloyd tambem). O que lhes sobra é a complicação, que imprime a quasi todas um caracter vaudevillesco muito pouco ou raramente vital.

E os americanos só têm decaido a êsse respeito. As últimas fitas importantes aparecidas estão cheias de dizeres, muitas vezes pretenciosamente líricos ou cómicos. E' já um vício. Quem observar com atenção qualquer fita, logo reconhecerá a inutilidade de muitos dêsses cartazes explicativos, cujo maior mal é cortar bruscamente a acção, seccionando a visão e consequentemente a sensação estética.

E não se diga que tirar a palavra escrita do cinema seja priva-lo dum meio de expressão. Primeiramente: quanto mais uma arte se conservar dentro dos meios que lhe são próprios, tanto mais se tornará pura. Além disso: tantos são os meios de expressão propriamentes seus de que pouco ainda se utiliza a cinematografia!

A cinematografia é uma arte. Ninguem mais, sensato, discute isso. As empresas produtoras de fitas é que não se incomodam em produzir obras de arte, mas objectos de prazer mais ou menos discutível que atráiam o maior número de basbaques possível.

A cinematografia é uma arte que possúi muito poucas obras de arte.

G. de N.

LUZES & REFRACÇÕES

a Influencia do moderuismo therathologico dos klaxistas é tão graude que já attingiu o "Estado de S. Paulo" jornal. Começaram a brotar uessas fecundissimas terras flores de estranho e variegado aspecto que coutrastam beneficameute com os junquilhos, as margaridas e os não-me-deixes familiares, que sempre foram tão abundautes nos desertos relvados desse popular jardim. Assim é que num artigo sobre Graham Bell, o sonoro orgão de 200 rs. relembra uum dado momento o encontro de D. Pedro II com o inventor do telephouio que até então só encoutrara ua vida homeus que eram verdadeiros telephonistas. D. Pedro, porém ligou. E o jorualista commovido exclama:

"Audacia feliz do engenheiro, iustiucto divinatorio do mouarcha affeito a descobrir soffrimeutos subterrauεos, seja o que for, o facto é que o imperador..." Estes "soffrimentos subterraneos" cheiram fortemente aos "cavallos sobrehumanos", ás mulheres torriformes de alguns collaboradores uossos. E' possivel que a redacção proteste coutra o termo. E com effeito, este "subterraneo" é tão aereo, tão vago, que muito pouco se coaduua com os epithetos officiaes do bem pensaute diario. KLAXON que gosta das couεas uo seu logar, substitue pois a catleia alba por uma humilde violeta e restabelece a expressão racional, o qualificativo exacto — unico que poderia sahir de um bem peusante jardineiro das vastas e classicas aléas daquelle jardim. Assim, em vez de soffrimentos subterraneos, leia-se "soffrimentos subcutaneos". KLAXON gastará até seu ultimo saugue, em restabelecer a houra das viuvas, das creauças e dos macrobios.

* * *

Duma uota do uumero de Abril da **Nouvelle Revue Française**; "A OPERA" moutou o Martyrio de S. Sebastião, no qual collaboraram um musico de genio, Claudio Debussy, um prestigioso creador de imageus verbaes, Gabriel D'Annunzio, um pintor uo qual a imaginação exhuberaute mas regrada se allia uma pericia infallivel, Leão Bakst, etc.". Se a uoticia sahisse uuma revista italiana leriamos sem duvida:... uo qual collaboraram um prestigioso creador de imagens souoras Claudio Debussy, **il più gran poeta vivo del mondo**, Gabriele D'Anuunzio, e um pintor **assai curioso**, Leou Bakst. Si a uoticia fosse dada por um allemão teriamos talvez maior independencia. E' curioso de observar-se a fria razão e a sympathia humana com que os criticos allemães estudam e acolhem os artistas estraugeiros. E' que os allemães tem a curiosidade cheia de amor que faz as graudes comprehensões e as influencias efficazes. Walter von Bathenau affirmou sem covardia que os allemães não são propriamente creadores, mas que não ha talvez neuhum povo como o allemão para aprender e deseuvolver as creações alheias. Exemplo: Wagner.

Imaginemos porém a representação contada por um noticiarista indigena. E' preciso agora distinguir. Se os autores do Martyrio viessem ao Brasil, visitassem as redacções, distribuissem convites e retratos dedicatoriados teriamos "... collaboraram o genial Debussy, D'Annunzio, o sublime, o genial poeta e o maravilhoso genio de Bakst. Os coros foram genialmente dirigidos pelo maestro X. V. e todos os demais artistas até o mais infimo corista foram geuiaes na execução da obra estupenda. Até os bilheteiros foram genialmente delicados ua presteza com que serviram os pretendentes de logares. A sala de espectaculo estava litteralmente cheia. O serviço de buffet e buvette... etc." Mas, se como de facto se dá, os creadores do Martyrio forem desconhecidos... é certo que os qualificativos de bestas, cabotinos e ignaros, entrariam na dansa e mais a repetida historia do caso therathologico. E seria razoavel. Como qualificar os artistas que não procuraram compreheuder os criticos!...

* * *

Ha gente que grita contra as modas de hoje, coutra o quasi nú. Terá razão? Vejamos:

Adão e Eva viviam uús no paraizo terrestre e uão tinham o sentimento da vergonha. Um dia, (fôra melhor que um anjo lhes tivesse pregado as boccas com um prego deste tamanho!) comeram aquella maçã e logo, sentindo-se envergonhados, começaram a vestir-se... Os effeitos da maçã eram simples: constrangiam-os a vestir-se...

Agora, eutretanto, a vergonha diminue. Os effeitos da maçã attenuaram-se, desappareceram. Nós começamos a ser como os nossos paes autes do famosissimo acontecimento. Por isso, a gente que berra contra a uudez deve ter comido outras maçãs, ás escondidas de todos. Não ha outra explicação...

* * *

Por uma folha-da-noite de 25 de agosto, em letras redactoriaes o recente livro de Oswald de Andrade foi coudemnado. (Perdão!). O articulista pesquisou e achou o que grammaticalmente

observado seria mais ou menos uma ambiguidade. A grammatica está para o critico acima da naturalidade de expressão. E' homem que de certo raciocina assim: "Pedro matou Paulo. Foi preso... Quem foi preso Paulo que está mais proximo. E' preciso corrigir: Pedro matou Paulo. Aquelle foi preso. ." Salvou-se a grammatica. O Brasil sabe respeitar as gloriosas usanças avitas, em que com mão diurna e nocturna, os cultores do bem fallar, nos classicos antigos, a lusa linguagem, tersa e numerosa, isenta ainda da poluição dos francelhos, daquelles que, no dizer sempre isento de Candido de Figueiredo, diccionarista insigne, no dizer do nosso Ruy Barbosa, aprenderam.

Depois disso ainda o critico faz umas graças. Mas nada disso nos divertiu.

Divertidissima no artigo era a citação franceza. Citou o homem:

"La critique est facile

Mais l'art est difficile"

Até onde vae a tortura da rima. Certamente o critico da folha-da-noite é um Banville ou um novo Martins Fontes que desabrocha. Pois não chega elle ao ponto de bipartir o alexandrino só pelo prazer de intrometter no verso de Boileau uma rima no primeiro hemistichio. E' costume que "Banville e Martins gloriosos" não descobriram. E' o que em linguagem portugueza se chamará uma "trouvaille". Mas, nós Klaxistas, guardadores convictos de muitas tradições aqui repomos para gaudio dos nossos leitores, o hemistichio no seu logar destruindo a innovação do articulista.

"La critique est aisée, et l'art est difficile".

Ah! querido critico, la critique est aussi trés difficile!

* *

Eis um trecho de ouro do sr. Gilberto Amado, do seu recente livro "Apparencias e Realidades". Vai sem refracções. KLAXON ás vezes se compraz em mostrar unicamente a luz. E é mesmo do que mais precisa a arte no Brasil. Ao fallar sobre literatura brasileira diz o sensato ensaista:

"O que nos calharia no momento actual seria, por assim dizer, uma agitação romántica no sentido que essa expressão pudesse comportar de **exaltação febril da imaginação creadora, do desprezo ostensivo das formas consagradas, de arrancada gloriosa para o novo, o nunca dito, o interessante.** A nossa literatura está ainda toda por fazer.. (o que, para KLAXON não é propriamente a verdade nua)... é evidente que não pode ser com academicismo, linguismos e bobagismos que havemos de constituil-a com a vida, isto é, com as concepções, com o calor fecundo do sentimento."

Uma refracção zinha só. **Ouvimos contar que** a Akademia Brasileira de **Lettras, a directora** do Grupo Escolar da nossa literatura, **mandou o** snr. Gilberto Amado para o canto, de **joelhos** sobre milhos de uso quotidiano e alimentar, com a obrigação de copiar 50 vezes as-armas-e-os-barões.

* * *

E' interessante observar a ignorancia dos criticos, cujos vaticinios cream ou destroem reputações. Ignorancia crassa. Ignorancia revoltante acompanhada sempre de uma impertinencia comica e de uma erudição de almanach. Então quando falam dos modernos, esses senhores de oculos prudentes e calvicies affirmativas perdem completamente o pé. Assim é que, criticando o romance de Oswaldo de Andrade, um homem muito acatado, após haver passado varias rasteiras na logica e embrulhado emphrases cabelludas um punhado de ideias contradictorias, diz que o nosso collaborador só se salva pelas qualidades das velhas escolas que ainda se percebem nelle: simultaneidade, synthese etc.!!! Que pandego!

O snr. Hermes Fontes tambem é desses. Pelo "Imparcial", uma vez, affirmou que um livro éra moderno... porque? Porque... era "boulevardier"... — Isso até parece d'ELLE... Pois não sabe o snr. Hermes Fontes que o genero "boulervardier" é velho como Victor Hugo? Hoje ninguem acredita em "boulevards", como ninguem crê, tão pouco, em symbolismo. São coisas essas que, mesmo si existissem, deveriam ser negadas.

Em musica acontece o mesmo. Has pessôas que incommodoam seus vizinhos, aplaudindo ou vaiando compositores, que elles não comprehendem. Num dos ultimos concertos realisados no "Municipal", um homem comprido, de intelligencia magra, uivava bravos ridiculamente peremptorios. Ao meu lado, um amigo espirituoso perguntou-me: quem é aquelle homem bravo?

Todos esses homens teêm, no emtanto, uma razão de ser. São mesmo indispensaveis. Fazem rir. Desengorgitam o figado. São homens medicinaes e, portanto, recomendaveis como a Guaraná Espumante, o Lacta Nutritivo e o Elixir de Nogueira.